

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo Class.: Pacto Amazônico
Data 23.10.77 Pg.: 11

'Pacto', a integração rápida da Amazônia

Da sucursal de BRASÍLIA

Até há poucos anos, o pensamento aceito tanto dentro como fora dos países amazônicos era de que o desenvolvimento da Amazônia deveria ocorrer sem pressa. No entanto, agora, com os primeiros planos anunciados pelo Brasil para a formação do "Pacto Amazônico", idéia que abrange todos os países da região, esse pensamento passou a sofrer uma revisão.

O conselheiro Rubens Ricupero, chefe da Divisão da América Meridional II, do Itamaraty, setor que cuida justamente dos interesses do Brasil junto aos países que compõem o "Pacto Amazônico", explicou que fatores como o alumínio de Trombetas, o ferro e, agora, o ouro de Carajás são novos dados que se incorporam aos estudos de viabilidade econômica da Amazônia. Além disso, a região foi agora, subitamente, fortalecida pela descoberta de que as águas dos rios Xingu, Tocantins e Tapajós escondem o potencial elétrico de várias "itaipus".

Como a Amazônia não se esgota nas fronteiras do Brasil, fatos desse porte não podiam esgotar-se também apenas no interior da esfera nacional, sendo inevitável sua repercussão nos países vizinhos, onde se manifestavam, ao mesmo tempo, focos de dinamismo como a exploração de petróleo nos territórios amazônicos do Equador e do Peru e a implantação da indústria pesada na Guayana venezuelana.

Para o conselheiro, as relações entre os governos da área eram, até então, cordiais, mas pouco substanciais, faltando-lhes conteúdo concreto, substância econômica e comercial. Nos últimos cinco anos, entretanto, afirmou o conselheiro Ricupero, os contatos diplomáticos se multiplicaram, melhorando o nível e produzindo não a retórica da integração, mas projetos tangíveis.

BOLÍVIA

A Bolívia, explicou o conselheiro, é o único país sul-americano que participa ao mesmo tempo dos três grandes sistemas continentais: a Amazônia, o Prata e os Andes. Com esse país, o Brasil já celebrou e está implementando ativamente o acordo sobre o gás. Nesse acordo, serão investidos centenas de milhões de dólares no gasoduto e nos dois pólos de desenvolvimento a serem criados em ambos os lados da fronteira. Para garantir a viabilidade do pólo de desenvolvimento boliviano, o Brasil, além de uma cooperação material apreciável, ofereceu à Bolívia a garantia de uma parcela de seu mercado para os produtos siderúrgicos e fertilizantes de Santa Cruz.

Nos últimos cinco anos, 15 acordos significativos somaram-se aos atos internacionais vigentes entre os dois países. Entre eles, a contribuição brasileira de 50 milhões de dólares ao Fundo de Desenvolvimento da Bolívia; o financiamento em 10 milhões de dólares dos estudos de viabilidade do pólo de desenvolvimento do Sudeste; a construção pelo Brasil de diversas obras na fronteira amazônica, em contrapartida pela desativação da estrada de ferro Madeira-Mamoré, inclusive a futura pavimentação da rodovia, já implantada, de Guajará Mirim a Porto Velho; o "Tratado de Amizade, Cooperação e Comércio"; o tratado sobre vinculação rodoviária e a "Ata de Rio Branco", entre os ministros de Transportes do Brasil, Bolívia e Peru, o que reiterou o interesse da rodovia Lima-Pucallpa-Cruzeiro do Sul-Brasília e da conexão Rio Branco-Cobija-La Paz.

PERU

O Peru possui metade de seu território dentro da Bacia e, segundo o conselheiro Ricupero, tem seguido uma política perseverante de valorização econômica do que denomina de "zona da selva". Com o Peru, um dos acordos de maior potencial assinados pelo Brasil é o de fornecimento de produtos a prazo médio, que prevê a importação de cobre e zinco e a venda de soja e milho. Entre os 14 acordos importantes, os que dizem respeito a temas amazônicos foram a constituição de uma subcomissão mista para a Amazônia, vários atos sobre transportes fluviais e navegação em rios amazônicos; acordo sobre telecomunicação; sobre depósito franco para o Peru em Belém. Ricupero mencionou ainda, pela sua importância regional, a importação pelo rio de petróleo peruano para abastecer a refinaria de Manaus.

EQUADOR

Também o Equador tem 50 por cento de seu território na Bacia Amazônica. A descoberta de petróleo nessa área para o conselheiro Ricupero criou condições para uma complementação comercial que vem sendo negociada com o Brasil em troca de bens industriais e serviços. Informou ainda que já foram concluídas, independentemente, operações diretas, entre as respectivas empresas petrolíferas estatais, acrescentando que as perspectivas de ampliação do comércio são animadoras. Com o Equador, o Brasil desenvolve o mais antigo dos projetos de ligação do sistema ao Pacífico: o da via interoceânica, que tenciona vincular Manaus ao porto equatoriano de San Lorenzo.

COLÔMBIA

Segundo o conselheiro Ricupero, a Colômbia é um país cujo dinamismo demográfico está

em vias de transformá-lo na segunda nação mais populosa da América do Sul. É parceiro do Brasil numa das iniciativas mais originais e criadoras em matéria de complementação econômica: trata-se do acordo para a prospecção de carvão coqueificável, que poderá permitir à Colômbia colocar em exploração suas jazidas carboníferas e oferecer ao Brasil maior diversificação nas suas fontes supridoras de carvão siderúrgico. Destacam-se três acordos entre os dois países: o de cooperação técnica de conservação da flora e da fauna amazônica e o de cooperação sanitária para a região amazônica. Há ainda a destacar a participação, com êxito, da Braspetro em perfurações petrolíferas na zona de Magdalena.

VENEZUELA

"A Venezuela é uma força internacional em ascensão, capaz de projetar no cenário mundial um prestígio fundado no petróleo e na estabilidade", disse o conselheiro Ricupero. Para o diplomata, a recente iniciativa do presidente Carlos Andrés Pérez, ao promover a passagem por Caracas do ministro Azeredo da Silveira, veio abrir as portas a um diálogo político em alto nível com o Brasil e criar condições para que se concretizem operações comerciais viabilizadas pela escala das duas economias e pelo grau de complementaridade assegurado pelo petróleo.

Desde a década de 60, segundo informou, a Guayana Venezuelana tem sido objeto de um sistemático programa de implantação de indústria pesada de base a cargo da Corporação Venezuelana da Guayana. Seus resultados, disse, são impressionantes: o pólo de desenvolvimento de Ciudad Guayana já ultrapassou um quarto de milhão de habitantes e ali funcionam a siderurgia do Orinoco com capacidade de produção de 750 mil toneladas de aço em processo de expansão; a Empresa Alumínio del Caroni, com produção de mais de 50 mil toneladas; indústrias de cimento, estanho, de polpa, de vidro e a hidrelétrica do Guri.

GUIANA

Com a República da Guiana, segundo o conselheiro Ricupero, o Brasil vem mantendo relações de crescente cooperação, em particular no setor técnico. "O terreno para projetos de colaboração econômica e comercial está sendo preparado e encontra-se a ponto de frutificar", disse o diplomata. Já a cooperação com o Suriname antecipou-se à independência plena desse país, com a visita do chanceler brasileiro a Paramaribo. Entre os dois países, existem o tratado de amizade, cooperação e comércio e o acordo de cooperação técnica, recentemente ratificados.